

**Relatório de Estágio em colaboração com o OLP-
Observatório da Língua Portuguesa**

Andrea Freile Cabezas

**Relatório
de Estágio de Mestrado em Português como Língua Segunda
e Estrangeira**

Março, 2019

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Português como Língua Segunda e Estrangeira
realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira
da Silva.

*Ao meu pai, a quem não só me deu a
paixão por Portugal, mas também a
coragem para segui-la.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao OLP – Observatório da Língua Portuguesa a oportunidade de colaborar com a instituição e, particularmente, agradeço ao Professor Francisco Nuno Ramos todo o tempo e paciência que investiu neste estágio, assim como todo aquilo que me ensinou nestes meses.

Agradeço à minha orientadora Maria do Carmo Viera da Silva a sua atenção sincera e os seus bons conselhos, não só no acompanhamento do presente relatório, mas ao longo do meu percurso académico em Lisboa.

Gostava de agradecer à minha família que, do outro lado da fronteira, sempre me brindou apoio e compreensão, mesmo perante as escolhas mais questionáveis.

Finalmente, agradeço à minha equipa de atenção ao cliente da Toys'R'Us – Konecta Group as facilidades dadas para articular a atividade laboral com o estágio curricular, assim como a amizade e ajuda das minhas colegas de trabalho.

Obrigada a todos.

Relatório de Estágio em colaboração com o OLP-Observatório da Língua Portuguesa

Andrea Freile Cabezas

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular, Português Língua Estrangeira, Recursos Educativos Abertos, OLP-Observatório da Língua Portuguesa

O presente relatório pretende dar conta das atividades desenvolvidas durante o estágio curricular realizado em colaboração com o OLP-Observatório da Língua Portuguesa entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019, como parte da componente não-letiva do mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira. Na parte inicial fornecemos um enquadramento teórico relativo à crescente relevância e difusão da língua portuguesa no mundo, abordando também o importante papel que jogam na atualidade as novas tecnologias no ensino e na aprendizagem do Português como Língua Estrangeira; salientamos nesta parte a importância dos Recursos Educativos Abertos, à volta dos quais foi desenvolvida grande parte do nosso trabalho. De seguida, fazemos uma caracterização da instituição de acolhimento do estágio, o OLP-Observatório da Língua Portuguesa, dando conta dos seus objetivos, parcerias e atividades. Em continuação relatamos o trabalho desenvolvido ao longo do estágio, apresentando as aplicações e programas informáticos utilizados (nomeadamente ferramentas de criação de materiais didáticos e plataformas para ensino não presencial); igualmente nesta secção fazemos uma descrição pormenorizada da realização dos recursos e atividades por nós criados. Finalmente e a modo de conclusão, refletimos brevemente acerca dos objetivos atingidos ao longo do estágio, assim como da pertinência e continuidade do trabalho desenvolvido no mesmo.

Internship report in collaboration with the OLP – Observatório da Língua Portuguesa
Andrea Freile Cabezas

ABSTRACT

KEYWORDS: internship, Portuguese as a Foreign Language, Open Educational Resources, OLP-Observatório da Língua Portuguesa

The main objective of this work is to report the activities developed during the internship carried out in collaboration with the OLP – Observatório da Língua Portuguesa between September 2018 and February 2019, as part of the master degree in Portuguese as Second and Foreign Language. In the first part of the report we provide the theoretical framework, related to the growing presence of the Portuguese language in the world, approaching also the significant role currently played by the new technologies in teaching and learning Portuguese as a Foreign Language; we underline here the importance of the Open Educational Resources, around which we developed most of our work. Then we characterise the host institution of the internship, including its goals, partnerships and activities. Below, we move on to a description of the work done during the internship, introducing the informatic programs and applications used (namely distance learning platforms and tools for developing teaching materials); in this section we make a detailed review of the realization process of the resources and activities that we created. As conclusion, we provide a brief reflection on the goals achieved during the internship, as on the relevance and continuity of the work that we did.

Informe de Prácticas en colaboración con OLP-Observatório da Língua Portuguesa

Andrea Freile Cabezas

RESUMEN

PALAVRAS-CHAVE: programa de prácticas, Portugues Lengua Estranger, Recursos Educativos Abiertos, OLP-Observatório da Língua Portuguesa

El presente trabajo tiene por objetivo relatar las actividades realizadas durante el programa de prácticas llevado a cabo en colaboración con OLP - Observatório da Língua Portuguesa entre septiembre de 2018 y febrero de 2019, como parte del componente no lectivo del master en Portugués como Lengua Segunda y Extranjera. En la primera parte presentamos el marco teórico del trabajo, aludiendo a la creciente relevancia y difusión de la lengua portuguesa en el mundo, y abordando también el importante papel que juegan en la actualidad las nuevas tecnologías en la enseñanza y el aprendizaje de Portugués como Lengua Extranjera; resaltamos en este punto la importancia de los Recursos Educativos Abiertos, en torno a los cuales se desarrolla gran parte de nuestro trabajo. A continuación caracterizamos la institución que acogió las prácticas, refiriendo sus objetivos, colaboraciones y actividades. Después pasamos a analizar el trabajo realizado durante el programa de prácticas, presentando las aplicaciones y programas informáticos utilizados (principalmente herramientas de creación de materiales didácticos y plataformas para educación a distancia); en esta sección describimos pormenorizadamente el desarrollo de los recursos y actividades que creamos. Finalmente y a modo de conclusión, reflexionamos brevemente sobre los objetivos alcanzados a lo largo del programa de prácticas, así como sobre la pertinencia y continuidad del trabajo realizado durante el mismo.

ÍNDICE

Introdução	1
Objetivos gerais.	1
Objetivos específicos.	2
Estrutura e conteúdos..	3
Capítulo 1: A língua portuguesa: relevância e difusão	3
Introdução.....	3
1. 1. A crescente presença global da língua portuguesa.....	3
1. 2. O valor da língua portuguesa	4
1. 3. Política de difusão da língua portuguesa	5
Capítulo 2: O papel das novas tecnologias no ensino e difusão da língua portuguesa.....	7
Introdução.....	7
2. 1. As Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC	7
2. 2. A competência digital.	8
2. 3. Os Recursos Educativos Abertos – REA.....	9
Capítulo 3: Caracterização da instituição de acolhimento do estágio: o OLP- Observatório da Língua Portuguesa	9
Introdução..	9
3. 1. Caracterização da instituição	10
3. 2. Objetivos gerais.....	11
3. 3. Objetivos específicos	11
3. 4. Parcerias.....	11
3.4.1. Com a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa..	12
3.4.2. Com outras entidades.....	13
3.5. Atividades desenvolvidas.....	13

3.6. O sítio web do OLP.....	13
Capítulo 4: O Estágio realizado.....	14
Introdução.....	14
4.1. Forma de trabalho.. ..	14
4.2. Análise dos programas e das aplicações utilizados no estágio..	15
4.2.1. <i>Activinspire</i>	15
4.2.1.1. <i>Flipchart</i> básico com imagem e som: “ <i>Apresentações e cumprimentos</i> ”... ..	18
4.2.1.2. <i>Flipchart</i> com utilização de “Tinta mágica”: “ <i>Frutas</i> ”....	19
4.2.1.3. <i>Flipchart</i> com ações associadas, inserção de multimédia e outras funções: “ <i>Receita</i> ”	20
4.2.2. <i>Classflow</i>	21
4.2.3. Diaporamas.....	22
4.2.3.1. Diaporama: “ <i>Portugal de Norte a Sul</i> ”.	22
4.2.4. Google Classroom.....	22
4.2.5. Google <i>Drive</i>	23
4.2.6. Formulários do Google.	24
4.2.6.1. Formulário: “ <i>O verbo TER</i> ”	25
4.2.7. Google <i>Maps</i> - “Os meus mapas”.. ..	26
4.2.7.1. Mapa: “ <i>Os países da CPLP</i> ”... ..	26
4.2.8. Google <i>Sites</i>	27
Conclusão.....	28
Bibliografia	30
Apêndices	34
Apêndice 1: Plano de atividades do estágio	
Apêndice 2: <i>Flipchart</i> “ <i>Apresentações e cumprimentos</i> ”	
Apêndice 3: <i>Flipchart</i> “ <i>Frutas</i> ”	

Apêndice 4: *Flipchart “Receita”*

Apêndice 5: Diaporama “*Portugal de Norte a Sul*”

Apêndice 6: Formulário “*O verbo TER*”

Apêndice 7: Mapa “*Os países da CPLP*”

LISTA DE ABREVIATURAS

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

OLP – Observatório da Língua Portuguesa

PLE – Português Língua Estrangeira

QuaREPE – Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro

REA – Recursos Educativos Abertos

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR DE MESTRADO EM COLABORAÇÃO COM O OLP – OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Introdução

Sendo de nacionalidade espanhola, nascida em León e tendo feito os meus estudos universitários em Salamanca, o apelo da língua portuguesa trouxe-me até ao outro lado da fronteira onde frequentei as Universidades de Coimbra e da NOVA FCSH, respetivamente nos cursos de Estudos Portugueses (Erasmus) e Português como Língua Segunda e Estrangeira (Mestrado).

Trata-se de um segundo trabalho de investigação (o primeiro realizado na Universidade de Salamanca aquando da finalização do curso de Estudos Portugueses e Brasileiros) em que, desta vez, procurei privilegiar a prática. Como consequência, o trabalho que agora se apresenta é um Relatório de Estágio Curricular de Mestrado, cujas normas da NOVA FCSH estabelecem um limite de aproximadamente 25 páginas, e cujas traduções da minha inteira responsabilidade.

Nesta secção são expostos os objetivos – gerais e específicos – que nortearam a realização deste estágio curricular como componente final não letiva do mestrado. Os objetivos foram definidos em função das minhas expectativas pessoais em relação ao estágio e, consequentemente, com o plano de atividades estipulado para o mesmo (ver Apêndice 1).

Objetivos gerais

- Trabalhar em parceria com uma instituição de prestígio dedicada ao ensino e à promoção da língua e da cultura portuguesas, como é o OLP- Observatório da Língua Portuguesa.
- Desenvolver atividades práticas relacionadas com o ensino de PLE.
- Melhorar a minha competência digital.
- Alargar o meu conhecimento de recursos para a criação de materiais didáticos.
- Aperfeiçoar a minha proficiência em Língua Portuguesa.

Objetivos específicos

- Conhecer o funcionamento interno de uma instituição de prestígio dedicada ao ensino e à promoção da língua e da cultura portuguesas, como é o OLP.
- Criar materiais didáticos destinados ao ensino de PLE com o fim de publicá-los.
- Conhecer o funcionamento de plataformas para o ensino à distância (*Google Classroom* e *Classflow*).
- Conhecer o funcionamento de ferramentas para o armazenamento, organização e partilha de recursos didáticos (*Google Drive*).
- Aprender a criar mapas interativos (*Google Maps*), diaporamas (aplicação de Fotografia para Mac), “*flipcharts*” (*Activinspire*) e sítios *web* (*Google Sites*).
- Conhecer o funcionamento de ferramentas de avaliação (*Google Forms*).
- Apresentar, em linhas gerais, a utilização das ferramentas acima referidas, de forma que estas instruções possam constituir uma ajuda para um eventual utilizador das mesmas.

Estrutura e conteúdos

Neste ponto iremos apresentar a estrutura e os conteúdos do relatório do estágio por nós realizado. Assim, expomos uma descrição da atividade desenvolvida no estágio, acompanhada pelo seu correspondente enquadramento teórico. Em primeiro lugar apresentamos, a modo de introdução, o enquadramento teórico do estágio, em que começamos salientando a notável presença da língua portuguesa no mundo, com destaque para o elevado número de falantes, a sua difusão global e o seu crescimento dinâmico. Neste sentido, referimos as vantagens da aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) e a necessidade de uma política de língua eficaz para a difusão do seu ensino, com ferramentas como o QuaREPE, assim como da importância que tem para a dita difusão a incorporação das novas tecnologias, nomeadamente das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). Damos relevância também à Competência Digital, necessária para usar as novas tecnologias de forma eficaz e consciente, e para tirar proveito delas no âmbito docente. Abordaremos, de seguida, os Recursos Educativos Abertos, à volta dos quais se desenvolveu o nosso trabalho, e que possibilitam o acesso à aprendizagem de PLE de forma gratuita a qualquer usuário da internet. No ponto seguinte, são expostos os objetivos – gerais e específicos – do estágio. A seguir, apresentamos um retrato pormenorizado da instituição de acolhimento, no qual damos conta da caracterização, objetivos gerais e específicos, parcerias e atividades da mesma, além dum breve apontamento sobre o sítio *web* da instituição pela sua

ligação com o nosso trabalho. Dedicamos nesta altura um breve apontamento à forma de trabalho semipresencial adotada. No ponto seguinte recolhemos, por ordem alfabética, todos os programas e aplicações que explorámos ao longo do estágio, por um lado referindo as suas características e aplicações didáticas, e pelo outro explicamos detalhadamente o processo de elaboração de alguns exemplos das atividades com eles desenvolvidas. Finalmente e a modo de conclusão são apresentadas algumas considerações críticas sobre o trabalho realizado no estágio curricular.

Capítulo 1 – A língua portuguesa: relevância e difusão

Introdução

A língua portuguesa está entre as cinco línguas com maior número de falantes no mundo; sendo a terceira mais falada de entre as europeias, depois do inglês e do espanhol, é a língua mais falada no hemisfério sul e situa-se entre as cinco mais usadas pelos utilizadores da Internet (Reto, Machado, & Esperança, 2016). Encontra-se espalhada por quatro dos cinco continentes, sendo língua oficial em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Timor Leste e Macau (neste último é língua oficial até 2049) (Mateus, 2014). No seu conjunto, a população destes países excede os 260 milhões de pessoas, o que faz do português “uma língua global, que, ao invés de se acantonar numa só região, se projeta em todos os continentes” (Reto, Machado, & Esperança, 2016, p. 8).

1.1. A crescente presença global da língua portuguesa

Além de ser língua oficial em países da Europa, da África Ocidental, da África Austral, da América Latina e do Sudeste Asiático, a língua portuguesa é também empregada sistematicamente por causa das diásporas na América do Norte, na Ásia do Sul e na Oceânia, como afirmam Reto, Machado e Esperança (2016, p.12):

[...] a emigração portuguesa e a comunidade lusodescendente que ela vai formando no estrangeiro – calculada em dois milhões, se nos ativermos aos naturais de Portugal, e em cinco milhões se compreendermos todos os portadores de nacionalidade, independentemente do país de nascimento – levam o uso comum e quotidiano da língua à França, Alemanha, Reino Unido, Suíça, Espanha, Luxemburgo e tantos outros países da Europa, aos Estados Unidos e Canadá, a vários países sul-americanos, à África do Sul, à Índia e à China, à Austrália ou ao Médio Oriente. A emigração brasileira (para os Estados Unidos, o Japão, a Itália, a Espanha...), moçambicana (para a África do Sul, o Zimbabué, o Malawi, a Tanzânia, a Suazilândia...), angolana (para a República Democrática do Congo, o Congo, a Namíbia, a África do Sul...) ou cabo-verdiana (para os Estados Unidos, a França, a Holanda...) faz outro tanto. Há cerca de 1,5 milhões de naturais do Brasil a residir no estrangeiro, 650 mil moçambicanos, 440 mil angolanos, 180 mil cabo-verdianos.

Na diáspora, o português é a língua materna da primeira geração de emigrantes, assim como de parte da segunda, mas também constitui a denominada língua de herança; a sua aprendizagem e uso, além de facilitarem a comunicação entre gerações, garantem “a ligação simbólica, afetiva e prática entre a comunidade vivendo no estrangeiro e a sua terra e nação de origem, assim cumprindo uma função identitária e integradora da maior relevância” (Reto, Machado, & Esperança, 2016, pp. 16-18). É importante neste contexto referir o carácter pluricontinental e policêntrico da língua portuguesa, pois abrange múltiplas variantes faladas e escritas de forma diferente que, por vezes, correspondem a “histórias, patrimónios, vizinhanças linguísticas, estruturas gramaticais, pragmáticas e usos sociais diferentes” (Reto, Machado, & Esperança, 2016, p. 14). Todas as variantes têm o mesmo valor, não existe um “centro”, não há uma única norma-padrão (ibidem).

A língua portuguesa é uma das mais dinâmicas do mundo; isto é, uma das línguas que, em proporção, verificará um maior crescimento do número dos seus falantes, e uma maior alteração da sua geografia nas próximas décadas. Neste sentido, julgamos especialmente pertinentes os seguintes dados. Por um lado, calcula-se que, dos atuais 261 milhões de falantes de português, por meados deste século XXI existirão por volta de 390 milhões de falantes de português, que poderão atingir uns 487 milhões no final do mesmo; assim, nessa altura é possível que haja aproximadamente 1,9 falantes por cada falante atual (Reto, Machado, & Esperança, 2016). Um outro ponto a tomar em conta, relativamente ao dinamismo da língua portuguesa, é que, embora na atualidade a maioria dos falantes de português (quatro quintos) resida no Brasil, segundo as previsões para o fim deste século haverá mais falantes de português em África do que na América Latina. Desta maneira produz-se uma mudança qualitativa na geografia e, conseqüentemente, na variedade maioritária do português (idem).

1.2. O valor da língua portuguesa

De acordo com um estudo sobre o valor económico da língua portuguesa, encomendado pelo Instituto Camões, estima-se o dito valor em cerca do 17% do PIB de Portugal, considerando “as actividades económicas que dependem particularmente do uso da linguagem e atribuindo um coeficiente que varia em função da dependência desse sector em relação à linguagem” (Paulo, 2009, apud Machete & Vicente, 2010, p.23).

Todos estes dados apontam para o facto da língua portuguesa apresentar uma relevância considerável a nível global. Porém, encontramos que “a sua utilização está restringida em organismos plurinacionais e, por exemplo, no contexto da União Europeia é frequentemente desconhecida e confundida com o Espanhol” (Mateus, 2014, p. 34). Segundo a teoria de Nye

(1990), cada país possui elementos de *soft power* – fatores intangíveis como o prestígio de dito país no mundo, a sua cultura, a sua rede de relações internacionais, etc. – e elementos de *hard power* – as fontes de poder tradicional, como o económico ou o militar – (Nye, 1990, apud Machete & Vicente, 2010). Neste sentido, verifica-se que, de facto, Portugal conta com “elementos significativos de *soft power*, essencialmente vertidos na sua multi-continental língua e cultura, e pouco significativos elementos de *hard power*” (idem, p.19). Desta maneira, a língua portuguesa assume-se como um dos recursos de impacto global mais valiosos dos que dispõe o país, pelo que deveriam ser adotadas políticas e ações que permitissem reforçar este elemento de influência. Como afirma Mateus (2014, p.35):

Sendo a língua uma das maiores riquezas de qualquer sociedade, é natural que a sociedade se preocupe em dá-la a conhecer e valorizá-la perante o exterior. Assim, justifica-se que se envide todos os esforços para que o português seja uma das línguas a que tenham acesso fácil as pessoas que procuram aumentar a sua competência linguística com o conhecimento de línguas estrangeiras. Aliás, o conhecimento de línguas constitui uma referência fundamental para a avaliação psicossocial dos indivíduos e para o êxito da sua integração em contextos internacionais.

Num mundo cada vez mais globalizado, o conhecimento de mais de uma língua tornou-se imprescindível; neste aspeto, a escolha do português como língua estrangeira é uma boa opção para quem quiser alargar a sua competência linguística: é língua materna de mais de 260 milhões de pessoas, com ligações históricas a algumas das línguas de comunicação mais expandidas, utiliza o alfabeto latino comum à maioria das línguas estrangeiras, é falada por milhares de emigrantes e pode constituir uma mais-valia no âmbito das interações económicas (Mateus, 2014). O português está numa situação privilegiada para crescer nas próximas décadas nos países alheios ao espaço lusófono, devido a fatores como “a onda favorável do crescimento orgânico do número de pessoas que têm o português como língua nativa, [...] o crescente poderio económico de países como o Brasil e Angola, e (o número cada vez maior de) [...] pessoas que procuram aprender uma ou mais línguas estrangeiras por motivos de enriquecimento pessoal e profissional [...]” (Machete & Vicente, 2010, p. 28).

1.3. Política de difusão da língua portuguesa

Para difundir uma língua ou uma cultura é necessário desenhar e aplicar de forma firme e constante uma política clara em relação às ações prioritárias e secundárias e aos atores que as devem levar a cabo (Mateus, 2014). Neste contexto, julgamos pertinente uma breve alusão ao Quadro de Referência para o Ensino de Português no Estrangeiro, ou QuaREPE (Grosso, Soares, Sousa, & Pascoal, 2011). Lançado em 2011, este documento está dirigido principalmente aos alunos residentes em países de língua oficial não portuguesa, e “pretende adequar a organização do ensino de português no estrangeiro, bem como as práticas pedagógicas a novos públicos e a

novas realidades de ensino, aprendizagem e avaliação e certificação das línguas europeias” (Soares, 2007, p. 254). Promove um currículo constituído por etapas, com base num plano que abrange as competências e aprendizagens consideradas indispensáveis para cada nível de proficiência linguística (do A1 ao C1). Os objetivos do Quadro são os seguintes (Direção-Geral da Educação, 2017):

- desenvolver competências gerais em língua portuguesa;
- contribuir para a promoção da cidadania democrática;
- dotar a rede do Ensino do Português no Estrangeiro (EPE) de um instrumento que permita a reflexão sobre práticas pedagógicas e educativas, para além de desenvolver a identidade plurilingue e pluricultural dos alunos.

Tomando em conta o anterior, a linguista Maria Helena Mateus define os seguintes objetivos para uma política de difusão do português como língua estrangeira (Mateus, 2014, pp. 39-40):

- “Fortalecer a projeção do português como língua de comunicação internacional e como língua de trabalho nos organismos plurilinguísticos.
- Determinar, com fundamento ou critério realista, os países/regiões em que se pretende desenvolver de modo consistente o conhecimento da língua portuguesa.
- Prestigiar o ensino de português nas Universidades e instituições de ensino superior.”

Na mesma linha de pensamento, a ex-Catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa propõe uma série de estratégias para auxiliar a consecução dos objetivos propostos anteriormente; referimos aqui aquelas que tivemos em especial consideração no desenvolvimento deste trabalho (idem, pp.40-41):

- “Desenvolver projetos na área do léxico e da modelização computacional, evidenciando a capacidade da língua portuguesa para ser usada em ciência ou nas tecnologias de acordo com as necessidades da sociedade contemporânea.
- Construir materiais multimédia para os vários níveis de ensino, em forte relação com as ferramentas informáticas do português, que devem ser urgentemente desenvolvidas.
- Publicar e inserir na Internet uma informação completa dos materiais didáticos existentes e das experiências em curso [...].
- Estimular o desenvolvimento de projetos na área da difusão da língua portuguesa e determinar formas anuais de publicação dos resultados desses projetos.
- Afetar a este ensino, de modo determinado e constante, os meios indispensáveis para que ele seja motivador de professores e aprendentes, apelativo e claramente útil.”

Como se verifica, o recurso às novas tecnologias joga um papel essencial nas estratégias para uma maior difusão do português como língua estrangeira, e não só nesse âmbito.

Capítulo 2 – O papel das novas tecnologias no ensino e difusão da língua portuguesa

Introdução

Na sociedade atual, a inclusão no mundo digital faz parte do desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos. A omnipresença das tecnologias digitais tem produzido uma grande mudança em praticamente todos os aspetos da vida (a comunicação, o trabalho, o lazer, a informação, etc.), assim como na forma de pensar e de agir da sociedade. Esta nova realidade é a chamada sociedade da informação, cujo eixo central são as TIC.

2.1. As Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC

As Tecnologias da Informação e da Comunicação – comumente chamadas “TIC” – são aquelas ferramentas computacionais e informáticas que processam, armazenam, desenvolvem e partilham todo o tipo de informações multimédia. Em resumo, servem para gerir e movimentar a informação (ServiciosTIC, 2006, apud *Aprende en linea*, 2015). Englobam os conjuntos constituídos pelas Tecnologias da Comunicação tradicionais – principalmente rádio, televisão e telefonia tradicional – e as Tecnologias da Informação, caracterizadas pela digitalização das tecnologias de registos de conteúdos – informática, das comunicações, telemática e das interfaces – (Ciberespacio profesional, 2011, apud *Aprende en linea*, 2015). Mas, de todos os elementos que constituem as TIC, sem dúvida o mais poderoso e revolucionário é a Internet, que abre as portas à Era Internet na qual se situa a atual Sociedade da Informação (Claro, 2010, apud *Aprende en linea*, 2015). As TIC fornecem a oportunidade de realizar funções que facilitam o nosso trabalho, apresentando vantagens como (idem):

- Fácil acesso a toda a classe de informação.
- Instrumentos para todo o tipo de processamento de dados.
- Canais de comunicação.
- Armazenamento de grandes quantidades de informação em pequenos suportes.
- Automatização de tarefas.
- Interatividade, etc.

O grande impacto que as TIC têm, em quase todos os aspetos da nossa vida, faz com que cada vez seja mais difícil atuar de forma eficiente sem elas (Salinas, 2004, apud *Aprende en linea*, 2015). As crianças e jovens que estão a crescer neste mundo digital não conseguem sequer

conceber a vida doutra maneira; porém, isto não implica “que estejam naturalmente equipados com as competências adequadas para usar tecnologias digitais de forma eficaz e consciente” (Lucas & Moreira, 2018, p. 12).

2.2. A competência digital

A competência digital é uma das oito competências que todo o aluno deve ter desenvolvido ao finalizar a escolaridade obrigatória para se conseguir inserir na vida adulta de forma satisfatória e para ser capaz de desenvolver uma aprendizagem permanente ao longo da vida. Esta competência não só fornece a capacidade de aproveitar a riqueza e as novas possibilidades ligadas às tecnologias digitais e aos desafios que apresentam, mas também é cada vez mais necessária para poder participar de maneira significativa na nova sociedade e na economia do conhecimento do século XXI (Instituto Nacional de Tecnologías Informativas y de Formación de Profesorado, 2017). A tecnologia e os novos meios fornecem a possibilidade de melhorar o acesso à educação através dos recursos educativos abertos, assim como oportunidades sem precedentes para a colaboração profissional, a resolução de problemas e a melhoria da qualidade e a igualdade no ensino. Esta competência digital é um pré-requisito para que alunos de todas as idades possam beneficiar de todas estas vantagens e usufruir duma aprendizagem mais eficiente, motivadora e inclusiva (ibidem). O uso das TIC na educação pode favorecer os processos de ensino e de aprendizagem orientados para a construção de aprendizagens significativas, pois permite ultrapassar as barreiras espaciais e temporais de acesso à informação, a formação e a educação, e beneficia o processamento que o usuário faz dessa informação (Valencia-Molina et al., 2016).

Assim, a forte presença desta cultura digital cria a necessidade de introduzir as novas tecnologias digitais no âmbito docente (Academia UP, 2017). Devemos partir do princípio de que, no relacionamento entre a educação e as TIC, estas últimas chegaram para ficar, pelo que “é preciso pensar não sobre o seu impacto na educação, mas sobre como as utilizar para incrementar a qualidade educativa” (Valencia-Molina et al., 2016, p.10).

Neste contexto surge o Quadro Europeu de Competência Digital (Redecker & Punie, 2017), desenvolvido sob a iniciativa da Comissão Europeia “DigComp”, e lançado em português no ano 2018 (Lucas & Moreira, 2018). O documento está destinado a docentes “da Educação Pré-Escolar ao Ensino Secundário, Ensino Superior e Educação de Adultos, incluindo formação geral e profissional, educação especial e contextos de aprendizagem não formal” (Direção-Geral da Educação, 2018). O Quadro apresenta 22 competências organizadas em 6 áreas, assim como um modelo de progressão para auxiliar os docentes na avaliação e no desenvolvimento da sua competência digital. O objetivo deste documento é ajudar os países membros da União Europeia

“na promoção das competências digitais dos seus cidadãos e impulsionar a inovação na educação” (ibidem). A iniciativa responde à crescente consciencialização da necessidade de um conjunto de competências digitais profissionais específicas para a educação, de maneira a tirar o máximo proveito das tecnologias digitais para a melhoria e renovação do ensino.

2.3. Os Recursos Educativos Abertos - REA

O termo “Recursos Educativos Abertos” – abreviado “REA” – faz referência àqueles materiais de ensino, de aprendizagem e de investigação em suporte digital que não têm nenhum custo económico para o utilizador. Esta última característica é devido a que estes recursos são publicados com uma licença aberta, que permite a sua utilização, adaptação e redistribuição por outros sem nenhuma restrição, ou com restrições limitadas (Educación 3.0, 2017). Os REA fornecem a alunos e docentes uma valiosa oportunidade de aceder ao conhecimento de forma gratuita, pois podem ser utilizados em contextos de colaboração, sendo possível aplicá-los em diferentes metodologias e abordagens, e podem ser personalizados para garantir uma aprendizagem adequada ao aluno. Os REA podem abranger todos estes objetivos por possuírem as características dos quatro R (pelas suas iniciais em Inglês) (idem) que, a seguir, se enunciam:

- *Revise*: rever de forma a adaptar, melhorar ou atualizar o recurso educativo.
- *Remix*: combinar com outro recurso para produzir novos recursos.
- *Reuse*: reutilizar o recurso original ou o reeditado em outros contextos.
- *Redistribute*: redistribuir todas as cópias que precisemos partilhar.

Capítulo 3 - Caracterização da instituição de acolhimento do estágio: o OLP- Observatório da Língua Portuguesa

Introdução

Nesta secção iremos fazer uma caracterização da instituição que acolheu e orientou o estágio curricular, o Observatório da Língua Portuguesa, na qual daremos atenção aos dados mais importantes como sejam: objetivos, parcerias, atividades desenvolvidas, etc. Praticamente a totalidade das informações aqui apresentadas foi retirada do próprio sítio *web* da instituição, sendo este uma das faces mais visível e ativa da mesma.

3.1. Caracterização da instituição

O Observatório da Língua Portuguesa é uma associação sem fins lucrativos e com espírito de Serviço Público constituída em Junho de 2008. Esta ONGD (Organização Não Governamental para o Desenvolvimento) define-se como “uma plataforma de diálogo e cooperação entre instituições empenhadas na defesa e promoção da Língua Portuguesa, procurando estimular a coordenação de programas e acções com vista a potenciar a complementaridade das diferentes intervenções e a acrescida coerência do seu resultado final” (Diáspora Lusa, 2010). Além disso, a instituição é possuidora do “estatuto de Observador Consultivo da CPLP e coordena a respetiva Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa” (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015b).

A sede da Associação, conforme os seus Estatutos, cedida pela Fundação Cidade de Lisboa, encontra-se no número 380 de Campo Grande, freguesia de Alvalade, concelho de Lisboa. Além disso, “O OLP pode criar dependências ou delegações em qualquer local, nomeadamente nos Estados membros da CPLP” (Observatório da Língua Portuguesa, 2016, p. 1).

Na sua declaração de princípios, o OLP estabelece que o Português é “Língua oficial, de ensino, de património, de comunicação nos domínios cultural, científico, político, técnico e tecnológico dos oito Estados-Membros da CPLP e das suas comunidades migrantes nos cinco continentes” (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015a), assim como “língua veicular de cerca de 250 milhões de pessoas, o que o afirma como o quarto idioma à escala universal e, depois do Espanhol e do Inglês, como o terceiro europeu mais falado no Mundo” (ibidem). Salienta-se também, nesta declaração de princípios, a relevância cultural, económica e política que a Língua Portuguesa tem ganhado nos últimos anos, “impulsionada por um crescimento do número de falantes que ultrapassa o ritmo de aumento demográfico nos países que têm o Português como factor estruturante da sua identidade e da sua soberania” (ibidem). Além dos países lusófonos, é ainda referida a influência acrescida da língua portuguesa sobre outros espaços linguísticos, como é o caso da China, Japão, Índia, diversos países da América Latina, etc.

Uma das principais funções do OLP, como o próprio nome indica, é a observação da realidade atual da Língua Portuguesa a nível global, assim como a sua evolução a médio prazo; porém, o conhecimento e a informação sobre a dita realidade são relativamente empíricos e genéricos. A Associação trabalha para compensar esta lacuna mediante “o conhecimento rigoroso do universo de falantes e das peculiaridades dos seus diversos conjuntos”, mediante “acções de recolha de dados e de estudos prospectivos, trabalhando na mais estrita neutralidade e em completa independência” (Observatório da Língua Portuguesa, 2016, p. 2), com especial destaque para o

“tratamento e interpretação de dados estatísticos recolhidos e apresentados no Sítio” da instituição (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015b).

3.2. Objetivos gerais

Os principais objetivos gerais da instituição de acolhimento do estágio, definidos por ela própria no seu sítio *web*, são os seguintes (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015 d):

- Contribuir para a “divulgação do estatuto e projeção no Mundo da Língua Portuguesa;
- Estabelecer redes de parcerias a fim de afirmar, defender, e promover a Língua Portuguesa;
- Formular políticas e decisões que concorram relevantemente para a afirmação da Língua Portuguesa como língua estratégica de comunicação internacional;
- Promover e apoiar melhores estratégias na aprendizagem e no gosto pela leitura em português.

3.3. Objetivos específicos

Articulados com os objetivos gerais referidos acima, o Observatório da Língua Portuguesa (OLP em adiante) assume os seguintes objetivos específicos (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015c):

- Observar o estatuto e projeção da Língua Portuguesa no Mundo como:
 - Língua veicular de ensino e aprendizagem;
 - Língua de acesso à informação científica, técnica, económica, desportiva;
 - Língua produtora de cultura;
 - Língua como código básico da literatura;
 - Língua de trabalho em Organizações Internacionais.
- Divulgar dados estatísticos sobre o uso do Português, enquanto:
 - Língua materna;
 - Língua segunda e/ou estrangeira;
 - Língua de uso na Internet.
- Verificar informações sobre a Língua Portuguesa veiculadas por pessoas, instituições ou organismos internacionais e zelar pela correção e autenticidade dos dados.
- Fomentar o desenvolvimento de iniciativas concertadas para a afirmação da Língua Portuguesa como língua estratégica de comunicação internacional.
- Promover fóruns de debate e de análise.
- Facilitar o acesso a todas as fontes de saber e de divulgação de conteúdos em Português.

3.4. Parcerias

Com o fim de otimizar a sua ação e a consecução dos seus objetivos, o OLP desenvolve diversos programas e projetos “em cooperação com organismos, instituições e associações nacionais, estrangeiras ou plurinacionais” (idem, p. 3) com aspirações semelhantes e que passamos a enunciar.

3.4.1. Com a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

A relação com a CPLP é principalmente desenvolvida através da coordenação da Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos Observadores Consultivos da Comunidade. As iniciativas da dita Comissão têm incrementado o clima de diálogo e cooperação entre as estruturas dirigentes da CPLP e organizações da sociedade civil, universidades portuguesas dos PALOP e Timor, associações (de escritores, artistas, etc.) dos diferentes Estados membros da CPLP e de outros espaços onde a Língua Portuguesa está presente, como Goa, Macau e Malaca e entre a CPLP e as diásporas lusófonas (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015f).

3.4.2 - Com outras entidades

Referimos neste ponto a extensa lista de parcerias que mantém o OLP com outras entidades além das integrantes da Comissão Temática; salientam-se as parcerias com LUSA (informação e notícias), Priberam (consultas linguísticas) e Promethean (apoio, mediante oferta de quadros interativos e licenciamento de “*software*”) (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015e):

- Academia das Ciências de Lisboa
- Academia Galega da Língua Portuguesa
- APEDI
- APIC – Associação de Intérpretes de Conferência
- Associação Internacional de Lusitanistas
- Associação do Voluntariado para a Leitura
- Centro Nacional de Cultura
- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa
- Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência
- Elos Internacional – Movimento da Comunidade Lusíada
- Escola Portuguesa de Macau
- INE- Instituto Nacional de Estatística
- Instituto Internacional da Língua Portuguesa
- Instituto Internacional de Macau
- Legis-PALOP+TI
- Lusa
- Plano Nacional de Leitura
- Porto Editora
- Portugal Digital
- Priberam
- Promethean
- Sociedade Histórica da Independência de Portugal
- Universidade de Cabo Verde
- Universidade Lusíada
- Universidade Sorbonne

3.5 – Atividades desenvolvidas

A principal linha de atuação no desenvolvimento das atividades do OLP é “a cooperação com os departamentos culturais e educacionais das Administrações central, regional e local dos Estados Membros da CPLP e/ou com outras pessoas coletivas de utilidade pública, designadamente instituições científicas, culturais e de ensino superior” (Observatório da Língua Portuguesa, 2016, p. 3). Neste sentido, a atividade do Observatório, orientada exclusivamente por fins de utilidade pública, concretiza-se principalmente através do desenvolvimento de numerosos colóquios, seminários, conferências, e outros eventos relacionados com a interculturalidade e a promoção da língua portuguesa no mundo.

3.6 - O sítio *web* do OLP

Como foi anteriormente referido, o sítio *web* do Observatório (www.observalinguaportuguesa.org) é um dos pontos-chave para o funcionamento da associação, cujo meio instrumental fundamental é o uso das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). O sítio, atualizado diariamente, disponibiliza abertamente aos usuários do ciberespaço informação e recursos em diversos domínios relativos à Língua Portuguesa. “A sua atividade dirige-se prioritariamente a meios e comunidades ligadas à Educação com quem mantém numerosas parcerias e realiza acções de difusão mais restrita” (Observatório da Língua Portuguesa, 2015, 2015b). Sendo o *site* do OLP a sua carta de apresentação, e tomando em conta a linha temática das atividades realizadas no estágio curricular, consideramos pertinente para o desenvolvimento deste trabalho referir, em linhas gerais, a estruturação e conteúdos do mesmo. Além disso, ao longo da realização do nosso estágio publicámos vários dos materiais por nós criados. Assim, encontramos no sítio as seguintes secções principais:

- *Quem somos*: inclui todas as informações relativas ao próprio OLP: caracterização, objetivos, declaração de princípios, estatutos, órgãos sociais, relatórios, atividades e contactos.

- *Geopolítica*: apresenta estudos e comunicações quanto a relações internacionais, assim como publicações à volta de recursos naturais e cooperação dos PALOPs.

- *Língua e cultura*: envolve notícias e textos informativos sobre o património – nomeadamente linguístico e cultural – dos PALOPs.

- *Dados estatísticos*: esta secção integra gráficos, mapas e artigos informativos em relação à presença e difusão da língua e da cultura portuguesa no mundo.

- *Notícias*: recolhe uma grande variedade de artigos de atualidade referentes a diversos aspetos – nomeadamente políticos e educacionais – da língua portuguesa a nível global.

- *Escola LP*: nesta secção podemos encontrar um vasto leque de recursos para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, como cursos, vídeos, testes, jogos e consultas, entre outros.

Capítulo 4 - O Estágio realizado

Introdução

O trabalho desenvolvido ao longo do estágio curricular diz respeito ao conhecimento e utilização de ferramentas e recursos tecnológicos que possibilitam o ensino e a aprendizagem de Português Língua Estrangeira mediante o uso das TIC. Durante o estágio trabalhamos com diversos programas e aplicações digitais que permitem criar e publicar recursos educativos e ambientes de trabalho virtuais de forma gratuita e aberta a todos os utilizadores do ciberespaço. Nesta secção iremos apresentar os programas por ordem alfabética, referindo as suas principais características e aplicações didáticas, assim como os aspetos mais relevantes a respeito da sua utilização prática. Também se incluem indicações sobre o processo de elaboração de vários exemplos das atividades desenvolvidas que, julgamos, poderiam ser de utilidade a um eventual usuário destas ferramentas digitais.

4.1. Sobre a forma de trabalho

No período estabelecido para a realização do estágio curricular, a instituição de acolhimento encontrava-se provisoriamente sem sede física, por estar em processo de transição para uma nova sede. Além disso, devido às minhas circunstâncias pessoais, tinha a necessidade de articular o estágio com o desenvolvimento duma atividade profissional remunerada, pois o OLP pelo seu carácter de instituição sem fins lucrativos não tem possibilidade de oferecer pagamento aos estagiários. Tomando em conta estas duas circunstâncias e graças à compreensão dos tutores do estágio (do OLP e da NOVA FCSH) foi possível levar a cabo o trabalho de forma semipresencial. Assim, uma parte

das sessões foi desenvolvida em espaço cedido para o efeito, com recurso à utilização de um computador Mac para este fim, e a outra parte do trabalho foi feita de forma virtual com a ajuda de diversas ferramentas de comunicação remota, de acordo com a dinâmica da proposta que nos ocupa.

4.2. Análise dos programas e das aplicações utilizados no estágio

4.2.1. *Activinspire*

Activinspire é um programa desenvolvido pela companhia Promethean com fins didáticos, lançado no ano 2009. Embora o programa esteja idealizado para ser utilizado em quadros interativos, os recursos criados com ele – chamados “*flipcharts*” – podem ser utilizados desde qualquer dispositivo eletrónico, desde que o utilizador disponha do *software* para abri-los. Devido a que durante o estágio não tínhamos à disposição um quadro interativo, o trabalho desenvolvido com o *Activinspire* foi realizado a partir de um computador e, da mesma forma, os recursos com ele criados foram concebidos de forma a poderem ser utilizados também num computador. A Promethean disponibiliza duas versões do programa: (i) o *Activinspire Professional*, a versão completa com todas as ferramentas para criar recursos e os apresentar; e (ii) o *Activinspire Personal*, a versão gratuita que permite ver e reproduzir os recursos criados com o *Professional*.

O *Activinspire* dispõe de duas interfaces: (i) o *Primary*, dirigido a um público-alvo de educação infantil e ensino básico; e (ii) o *Studio*, direcionado a um público-alvo que vai do ensino secundário ao universitário. Esta segunda interface é aquela com que trabalhámos durante o estágio.

O *Activinspire* é uma ferramenta muitíssimo versátil e complexa, cujas aplicações praticamente apenas se encontram limitadas pela imaginação do utilizador. Este programa permite criar lições e apresentações com materiais multimédia e atividades originais e atraentes para os alunos. Podemos encontrar na internet uma grande variedade de materiais já finalizados, dirigidos a todo o tipo de público-alvo. Devido à infinidade de possibilidades que fornece, neste trabalho apenas referiremos aquelas ferramentas ou características do programa mais essenciais ou que estiveram envolvidas na criação dos recursos que fizemos com o programa. Fazemos, de seguida, um resumo das ditas características para tentar expor de forma esquemática o funcionamento do programa.

Um *flipchart* é um arquivo criado com o programa *Activinspire*; é, por assim dizer, a folha de trabalho, e pode conter texto, tabelas, formas, animações, conteúdos

multimédia e outros. Todo o que o *flipchart* contém são “**objetos**”, que se podem mover e com os quais podemos interagir. É possível gerir os conteúdos do *flipchart* desde a secção “**Caixa de ferramentas**” que, por sua vez, se encontra subdividida em vários departamentos que passamos a apresentar:

- Podemos criar *flipcharts* com várias páginas, as quais podemos visualizar e modificar desde “**Páginas do Browser**”.

- Os objetos podem ser ou bem criados com qualquer ferramenta do programa, ou bem inseridos desde “**Recurso de Browser**”. A biblioteca de recursos de *Activinspire* contém uma grande variedade de imagens, sons, fundos e ferramentas para usar nos *flipcharts*. Além dos recursos instalados com o *Activinspire*, podemos importar os nossos próprios recursos desde o dispositivo de trabalho ou diretamente desde a Internet, assim como gravar aqueles que criámos a partir do programa.

- Em “**Objecto de Browser**” podemos visualizar todos os objetos que contém o *flipchart*. Os vários objetos encontram-se organizados em camadas; assim, encontramos a camada superior, a central, a inferior e a de fundo, sendo que os objetos adotam comportamentos diferentes em função da camada em que se encontram situados. A distribuição dos objetos nas camadas encontra-se determinada pela ordem em que foram inseridos no *flipchart*: cada objeto adicionado coloca-se acima do objeto precedente dentro da sua própria camada. Podemos mudar os objetos de camada para variar o seu comportamento.

- Podemos inserir e visualizar notas explicativas e comentários sobre o *flipchart* na secção “**Notas do Browser**”.

- No apartado “**Propriedades do Browser**” é possível modificar todas as propriedades de um objeto, de maneira que, por exemplo, este possa ou não ser deslocado livremente pelo *flipchart*, conter outros elementos, etc. Desde este apartado também podemos modificar o nome, a posição e as características físicas do objeto (grossor do contorno, opacidade, etc), entre outras possibilidades.

- No *Activinspire* podemos associar ações aos objetos a partir de “**Ação do Browser**”, de maneira que, ao fazer clique no item, este execute a ação desejada. As ações devem ser associadas desde o modo

desenho, e deveremos sair desse modo para verificar o seu funcionamento. Nesta secção também podemos seleccionar e colocar no *flipchart* ferramentas com as quais o utilizador poderá interagir.

- A secção “**Votar Browser**” não foi utilizada no nosso trabalho, mas permite levar a cabo sessões de votação mediante a administração dos registos dos dispositivos *ActivSlate*, *ActiVote* e *ActivExpression*, assim como gravar, armazenar e explorar os resultados das sessões.

Além das apresentadas na secção dos exploradores, o *Activinspire* fornece outras ferramentas que podem ser de grande utilidade no desenvolvimento de lições e recursos interativos:

- **Ferramenta de texto:** permite inserir e modificar texto no *flipchart*.
- **Lápis:** podemos usar esta ferramenta como um lápis analógico para escrever ou desenhar no *flipchart*.
- **Figura:** permite desenhar figuras com formas pré-desenhadas, sendo possível modificar a sua forma, cor, opacidade, etc.
- **Reestabelecer página:** permite voltar à última versão gravada da página do *flipchart* em que seja aplicado.
- **Conector:** permite desenhar ligações entre objetos do *flipchart*, por exemplo, para criar mapas conceptuais.
- **Revelador:** permite mostrar de forma seletiva secções da página do *flipchart*. Funciona como um estore, do qual podemos mudar a cor e a velocidade de abertura.
- **Foco:** oculta a página do *flipchart* de maneira que apenas seja visível aquela zona na qual se aplica o foco. Pode ser utilizado para direccionar a atenção do utilizador para um ponto específico da página.
- **Relógio:** além de mostrar as horas em formato analógico e digital, permite executar funções de cronometragem das atividades do *flipchart*.

- **Tinta mágica:** permite tornar invisível qualquer objeto ou parte do mesmo na camada superior, de forma que seja possível ver através dele aquilo que se encontra em camadas inferiores.
- **Câmara:** permite fazer capturas de imagens, seja do ecrã na sua totalidade, seja de uma área específica do mesmo.
- **Gravador de ecrã:** com esta ferramenta é possível gravar as ações que estão a ser realizadas no *flipchart*, no ambiente de trabalho ou em qualquer outra aplicação.
- **Gravador de sons:** permite fazer gravações de áudio que, posteriormente, poderemos utilizar como recursos.

4.2.1.1. *Flipchart* básico com imagem e som: “Apresentações e cumprimentos”

Neste primeiro exemplo (ver Apêndice 2), por nós trabalhado, apresentamos a estrutura base do *flipchart*: objetos estáticos (imagens ou texto) aos quais associamos uma ação (reprodução de som), que pode ser ativada com uma interação (clicar nas imagens).

O *flipchart* consta de duas páginas, construídas da mesma maneira:

- Página 1: os conteúdos apresentados são as fórmulas de apresentação em português, na sua forma escrita e fonética.

Em primeiro lugar vamos aos “Recursos partilhados” e inserimos um fundo desta secção, arrastando-o à página. Em continuação, vamos a “Meus recursos”, à secção “Temas” - “Geral” - “Gente”, e selecionamos e situamos as personagens que queremos que apareçam na cena, regulando o seu tamanho se for preciso. Com a ferramenta “figuras” adicionamos os balões de texto, selecionamos a forma e a cor dos mesmos, e preenchemo-los com as frases das personagens utilizando a ferramenta “texto”. Com o gravador de sons do *ActivInspire* realizamos a gravação dos diálogos, e gravamos no nosso dispositivo os arquivos resultantes. Depois, vamos a “Inserir suporte” e selecionamos os arquivos de áudio. Colocamos os ditos arquivos por cima das personagens, e adaptamos o tamanho do ícone do áudio ao dos bonecos. Em continuação, ajustamos a opacidade dos ícones de áudio até os tornar transparentes. Bloqueamos todos os objetos da página para não se poderem mexer. Ao sair do modo desenho, verificamos que, ao passar o rato sobre as personagens, aparece um ícone com o símbolo de “play”, e se fazemos clique sobre elas reproduzem-se os áudios.

- Página 2: os conteúdos apresentados são fórmulas para cumprimentar as pessoas nos registos formal e informal, e as despedidas em português.

A segunda página do *flipchart* segue o mesmo esquema de construção que a primeira, só que, ao invés de seleccionar os objetos – as personagens – dos recursos, já os temos adicionados desde “Inserir suporte”, utilizando imagens que tirámos de diversos bancos de imagens com licença aberta da Internet. Desta maneira, conseguimos personalizar a página com imagens que se adaptem o máximo possível aos conteúdos que queremos apresentar. O resto da elaboração e funcionamento coincide com a página 1.

4.2.1.2. *Flipchart* com utilização de “Tinta mágica”: “Frutas”

O segundo exemplo do trabalho que realizámos é um *flipchart* que inclui o uso das camadas, assim como da ferramenta “Tinta mágica” (ver Apêndice 3).

O conteúdo apresentado é o léxico das frutas em português.

Em primeiro lugar inserimos um fundo a partir dos “Recursos partilhados”. Depois inserimos os objetos de decoração com os quais não vamos interagir (a árvore e o cesto) e, desde o “Objectos do *browser*”, explorador de objetos, colocamo-los na camada inferior. Nesta mesma camada, vamos também situar os rótulos com os nomes das frutas que queremos incluir; para isso criámos figuras com a ferramenta correspondente e preenchemo-las com texto, como fizemos no *flipchart* anterior com os balões de texto. Dentro da camada, é importante que o texto fique situado por cima da figura (caso contrário não o poderemos visualizar). Colocámos também o texto do enunciado do *flipchart*. Outra possibilidade seria colocá-lo no “Notas do *browser*”, explorador de notas. De seguida, posicionámos na camada superior as imagens das frutas, que encontramos nos “Meus recursos”, na secção de “Comida e bebida”, de maneira a cobrir os rótulos. Bloqueamos todos os objetos ao fundo para que sejam imóveis. Vamos aos “Recursos partilhados” e inserimos no *flipchart* a “Lupa”, que podemos encontrar no apartado “Ferramentas para criar lições”. Com a ferramenta da “Tinta mágica” “pintamos” a lente da “Lupa” (criamos um objeto com a “Tinta mágica” para preencher o interior da “Lupa”). Depois seleccionamos os dois objetos – a “Lupa” e o criado com a “Tinta mágica” – com o cursor e “bloqueamos”, fazendo com que ambos passem a funcionar como um só. Agora ao deslocar a “Lupa” com “Tinta mágica” sobre as imagens das frutas, situadas na camada superior, podemos ver através delas os rótulos com os nomes na camada inferior.

4.2.1.3. *Flipchart* com ações associadas, inserção de multimédia e outras funções: “Receita”

Neste terceiro exemplo de *flipchart* (ver Apêndice 4), os conteúdos que apresentamos são, em continuação do anterior, relativos ao léxico dos alimentos. Neste caso apresentamos algum do vocabulário de uso mais frequente, nomeadamente carnes, temperos, lácteos e legumes. Além disso, incluímos também o *link* de acesso a uma receita como amostra de língua, na qual aparecem inseridos em contexto a maioria dos itens lexicais envolvidos no *flipchart*. O objetivo do *flipchart* é que os alunos coloquem dentro do tacho apenas aqueles alimentos que aparecem na receita, sendo que aqueles que não estão incluídos são rejeitados pelo tacho e voltam para o seu lugar. Ao passar o rato sobre as imagens dos alimentos aparecem etiquetas com os seus nomes, de maneira que os usuários ficam a associar o significado da palavra ao seu referente gráfico.

Como nos exemplos anteriores, começamos por inserir um fundo desde a secção “Recursos partilhados”. Na continuação, colocamos na camada de fundo os elementos ornamentais da página, aqueles que não vamos mover de lugar (o forno, a prateleira e o frigorífico, que encontraremos em “Meus recursos” - “temas” - “geral” - “casa” - “cozinha”). A seguir colocamos as imagens dos alimentos (“Meus recursos” - “temas” - “geral” - “comida e bebida”) na camada superior. Também inserimos nesta camada a imagem do livro (com todos os objetos que o compõem bloqueados entre eles), que usaremos como suporte para o *link* da receita. Para que ao fazer clique na imagem do livro se abra o *site* da receita, deveremos ir a “Inserir ligação” - “website” -, e colar o *link* da página à qual queremos aceder. Em continuação, carregamos no objeto do *link* com o botão direito e, nas “Propriedades do *browser*”, na secção “Aspecto”, mudamos a definição “Visível” para “Falso”, de forma que dito objeto esteja oculto.

Em “Propriedades do *browser*” selecionamos a imagem do tacho e no apartado “Recipiente” mudamos a definição “Pode conter” para “Palavras-chave”. Depois, no campo “Contém palavras” introduzimos o termo com que iremos mais tarde identificar os objetos que queremos que sejam aceites no tacho (“receita”, no nosso caso). Finalmente bloqueamos a imagem do tacho ao fundo para torná-la estática.

A seguir, selecionamos uma por uma as imagens dos alimentos e fazemos o seguinte com cada uma delas:

- Na secção “Identificação”, atribuímos ou mudamos o nome da imagem, assim como o tamanho, a cor e o tipo de fonte em que queremos que este se mostre, e se queremos que o fundo da etiqueta seja transparente ou opaco. Para conseguir que a etiqueta com o nome apenas apareça ao passar o rato sobre a imagem, devemos seleccionar “Comportamento” - “Sugestão”.

- Este passo é apenas para as imagens dos alimentos que aparecem na receita e que queremos que sejam contidos no tacho. No apartado “Identificação”, inserimos na secção “Palavras-chave”, o termo “receita”, de forma que esse objeto seja reconhecido como “aceitável” pelo contentor e fique dentro dele.

- Na secção “Recipiente” seleccionamos “Verdadeiro” na opção “Voltar se não contido”, de forma que se o objeto não for aceite no contentor regresse à sua posição original.

Finalmente, inserimos uma cópia da imagem do tacho (que criaremos com a opção “Duplicar”) que deve ficar situada por cima de todos os outros objetos da camada e bloqueada para não se mexer. Desta maneira, ao arrastar para o tacho os ingredientes, estes ficam “dentro” dele (e não colocados por cima).

4.2.2. Classflow

Classflow é uma plataforma de aprendizagem para docentes e, igualmente ao *Activinspire*, também desenvolvida pela companhia Promethean. Esta ferramenta gratuita permite aos professores realizar aulas síncronas e criar lições interativas. Está baseada na nuvem e desenhada de maneira a permitir aos alunos participar e intervir na aula desde os seus dispositivos móveis. O programa não só permite que o docente envie o conteúdo digital aos alunos, mas também permite receber o *feedback* dos mesmos. A aplicação também dispõe de atividades pré-desenhadas de avaliação.

A utilização deste recurso não foi amplamente explorada dado que não estarmos em contexto de aulas presenciais e/ou síncronas.

4.2.3. Diaporamas

Um diaporama é uma aplicação na qual se reproduz uma gravação de sons e um conjunto de imagens ou diapositivos que são mostrados de forma sincronizada com o áudio. Além disso, é possível adicionar legendas ou efeitos especiais ou de imagem

diversos. No nosso caso, os diaporamas elaborados durante o trabalho do estágio foram realizados com a aplicação de “Fotografias” do computador Mac do Professor Francisco Nuno Ramos. Apesar do programa apenas estar disponível para Mac, os arquivos resultantes podem ser abertos desde qualquer tipo de dispositivo móvel.

Ao nível didático, consideramos que é uma maneira motivadora e atraente de apresentar conteúdos aos aprendentes, sendo especialmente útil para a mostra de materiais relacionados com a competência sociocultural.

4.2.3.1. Diaporama: “Portugal de Norte a Sul”

Neste exemplo de diaporama (ver Apêndice 5) apresentamos conteúdos relacionados com as tradições de Portugal, apresentando imagens de elementos culturais pitorescos ou típicos de diversas cidades e regiões da geografia lusa, com um especial relevo para a gastronomia nacional. Contudo, neste trabalho não nos focamos tanto nos conteúdos didáticos como na elaboração prática do material. Julgamos que seria proveitoso apresentar aos potenciais aprendentes de português elementos da geografia e da cultura gastronómica portuguesas além das omnipresentes Lisboa, Porto e os correspondentes bacalhau e francesinha. Como referíamos acima, no material apresentamos imagens rotuladas, a partir das quais podemos iniciar debates ou outras atividades

4.2.4. Google Classroom

Google Classroom é uma aplicação gratuita desenvolvida pela Google, focada de forma exclusiva para a docência. Foi lançada em 2014, mas estava disponível unicamente para aqueles centros educativos que contrataram o pacote *Google Suite*. Porém, a partir de 2017 a aplicação tornou-se acessível para qualquer usuário que tivesse uma conta de Google.

Google Classroom é uma plataforma *online* que pode ser utilizada desde qualquer dispositivo móvel. Dá acesso a ferramentas e funções de Google, como *Docs*, *Spreadsheet*, *Slides*, *Drive*, *Forms* e *Gmail*. Além da vantagem de reunir todas estas ferramentas num mesmo espaço de trabalho, o *Classroom* apresenta funcionalidades próprias, especialmente em relação a criação de turmas, comunicação, avaliação, etc., que podem ser de grande utilidade para o professor.

A organização no *Classroom* baseia-se na turma ou grupo que cria o professor, e que pode partilhar com os alunos mediante convite; isto é, o docente cria uma turma e

gera-se um código e um enlace que são enviados por correio eletrónico – idealmente *Gmail* – aos alunos para que possam entrar e formar parte da dita turma. Ao criar o grupo, é automaticamente criado um apartado em *Google Drive* chamado “*Classroom*”, e dentro dele uma pasta com o nome da turma, onde irão ficar guardados todos os documentos utilizados por esta. Dentro deste apartado o professor pode criar as pastas que forem precisas e organizá-las como for mais conveniente.

O *Google Classroom* permite criar aulas assíncronas; isto é, o professor propõe uma tarefa para ser realizada, junto com um documento armazenado em *Google Drive*. Os alunos recebem esse documento com as instruções para a realização da tarefa, editam-no e enviam-no ao professor. Depois, o docente faz as correções necessárias, classifica a tarefa e reencaminha para os alunos juntamente com um comentário. A aplicação é intuitiva e fácil de utilizar, o que faz com que o professor possa associar, corrigir e pontuar tarefas de forma ágil, sem necessidade de documentos em papel.

Além disso, o *Google Classroom* também permite que o docente envie notificações aos alunos, ou que lance questões para iniciar debates. Os alunos também podem partilhar recursos aos seus colegas de turma e dar resposta às perguntas do “muro de novidades”, o que faz desta aplicação uma espécie de “rede social educativa”.

4.2.5. *Google Drive*

O *Google Drive* é um serviço de armazenamento de arquivos *online* criado pela Google, lançado no ano 2012. Igualmente ao que acontece com outras aplicações desta companhia, o único requisito para usufruir de *Drive* de forma gratuita é ter uma conta de Google. Também pode ser utilizado desde qualquer dispositivo móvel. Com esta aplicação poderemos, entre outros: criar pastas para organizar os arquivos armazenados; gerar, modificar e partilhar documentos com inserção de imagens e comentários; criar e modificar apresentações em simultâneo com outros usuários, assim como partilhar apresentações já existentes, ou descarregá-las nos formatos .ppt, .pdf ou .txt.; criar formulários e inquéritos, etc.

Assim, *Google Drive*, com o seu larguíssimo leque de aplicações, fornece possibilidades vantajosas para o ensino-aprendizagem, como sejam o trabalho colaborativo, a autoavaliação, modelos, acesso ao dicionário e ao tradutor, elaboração de documentos em tempo real, chat, substituição do armazenamento em USB pelo armazenamento na nuvem, etc.

4.2.6. Formulários do Google

Lançada em 2008, *Google Forms* é uma das aplicações de *Google Suite* à qual podemos aceder desde o *Drive*. Está desenhada para criar inquéritos e formulários, permitindo reunir e interpretar informação de forma rápida (OxEducation, 2017). É fácil de utilizar e muito versátil, e tem grande utilidade como instrumento de avaliação no âmbito educativo.

A aplicação fornece a possibilidade de apresentar diferentes tipos de pergunta, sendo que estas podem ter carácter obrigatório ou de opção. As possibilidades de pergunta com resposta curta ou resposta parágrafo requerem que o aluno insira um texto. Também encontramos vários tipos de perguntas com opções de resposta: escala, quadrícula, seleção múltipla, caixas de verificação e pendente. Estes três últimos tipos podem-se corrigir automaticamente, no caso de desejarmos utilizar a aplicação como ferramenta de autoavaliação. De maneira recente, tem sido também disponibilizada a opção de submeter um arquivo a modo de resposta, para que os alunos possam entregar trabalhos escritos por esta via. Outra possibilidade muito interessante que apresenta a aplicação, em relação à tipologia de perguntas e respostas, é a hipótese de, em função da resposta dada a uma questão, a pergunta seguinte ser uma ou outra, escolhendo a alternativa “Ir a uma secção com base na resposta” (OxEducation, 2017).

Em relação a outras questões formais da ferramenta, *Google Forms* permite dividir em secções o formulário de forma a fornecer uma estrutura mais clara e organizada. Também é possível utilizar imagens e vídeos em todos os tipos de pergunta, que podem ser carregados diretamente desde o formulário. A inserção destes materiais multimédia, além de tornar o exercício mais atrativo visualmente para o aluno, ajudam à compreensão das informações apresentadas e requeridas nas perguntas.

Relativamente às possibilidades avaliativas que mencionávamos anteriormente, com esta ferramenta podemos criar testes de autoavaliação de forma a classificar e a fornecer *feedback* aos alunos. A aplicação permite associar valores às perguntas e pontuar o teste, reduzindo assim de maneira significativa os tempos de correção. É possível medir o desempenho e os objetivos atingidos por cada aluno e pela turma em conjunto.

4.2.6.1. Formulário: “*O verbo TER*”

Neste exemplo de atividade com *Google Forms* apresentamos um formulário que envolve conteúdos lexicais relativos à descrição física das pessoas – nomeadamente as

caraterísticas, tipos e cores de cabelo –, e conteúdos gramaticais – a conjugação do verbo “ter” (ver Apêndice 5). O teste foi desenhado de forma que os usuários tenham de escolher uma das formas da flexão do verbo referido em relação ao sujeito da frase apresentada, sendo este último ou um pronome pessoal, ou um nome próprio de pessoa. As frases da atividade, além de estarem ideadas para trabalhar a correspondência entre pessoa e forma verbal, apresentam vocabulário relacionado com o aspeto do cabelo. Para reforçar o significado do léxico apresentado, em cada uma das perguntas colocamos imagens representativas para ajudar à compreensão do novo vocabulário (por exemplo, se a frase é “Tu e o Paulo [têm] o cabelo louro”, colocamos uma imagem de dois meninos louros).

Para criar um formulário vamos ao *Google Drive* e carregamos em “Novo” - “Formulário de Google”. Neste ponto somos redirigidos à página onde criaremos o formulário. Podemos editar o cabeçalho para conseguir um visual mais atraente na opção “Personalizar tema”. Na continuação editamos o título para dar nome ao formulário e, se quisermos, adicionamos uma descrição. Seleccionamos a pergunta e escrevemos um enunciado ou frase para ela. Ao passar o rato sobre o título da pergunta aparece, à direita, o botão para carregar uma imagem para a pergunta, podendo esta ser inserida diretamente desde a câmara do dispositivo ou desde o armazenamento do mesmo, com o código URL, desde Drive, ou fazendo uma pesquisa de Google. No menu suspenso, situado à direita, podemos escolher o tipo de formato de resposta que queremos disponibilizar, sendo esta no nosso caso “Caixas de verificação”. A seguir, editamos as opções de resposta que queremos apresentar. Na nossa atividade, as respostas disponíveis são sempre as mesmas (o paradigma completo do verbo “ter”). Nesta situação, para poupar trabalho, o que podemos fazer é clicar no botão “duplicar” (situada na parte inferior do apartado), de forma que irão ser mantidas todas as opções de resposta da pergunta anterior e só teremos de mudar o enunciado e a imagem correspondente. Na secção inferior podemos também mudar a obrigatoriedade da pergunta, de maneira a escolher se a questão deve ser respondida para conseguir finalizar o questionário ou não. Para transformar o formulário num teste de autoavaliação, devemos seleccionar esta opção no menu “Mais” - “Configuração” do lado superior direito. Neste menu também poderemos explorar opções como o modo de publicação da pontuação do teste, ou a visibilidade das respostas corretas ou incorretas. Agora, em cada uma das perguntas vamos à secção “Chave de respostas” e escolhemos a opção da resposta correta, assim como a pontuação que queremos associar à mesma. Uma vez concluído, podemos enviar o formulário por

correio eletrónico, publicá-lo ou simplesmente gravá-lo em *Drive*. Quando os usuários respondem ao teste, poderemos verificar os resultados obtidos por eles, assim como os obtidos em geral na secção “Respostas”. Aqui também poderemos saber o número de pessoas que fizeram o questionário, o valor médio das pontuações, a percentagem de resposta das várias opções para cada pergunta, etc. Este apartado dedicado à avaliação é de grande importância, pois permite “ver” / saber o desempenho a nível individual ou de grupo.

4.2.7. Google Maps - “Os meus mapas”

O *Google Maps* – “*Os meus mapas*” é uma potente ferramenta que, mediante a combinação de imagens de satélite, mapas e uma base de dados com informação geográfica, permite-nos visualizar imagens tridimensionais e à escala de qualquer lugar do planeta (Instituto de Tecnologías Educativas, 2014). Esta ferramenta de Google possibilita assim localizar no mapa qualquer ponto que seja do nosso interesse lecionar, mas não só; também permite inserir no mapa informação sobre o ponto de interesse, sejam comentários, imagens, vídeos, *links*, etc. Em resumo, permite associar conteúdo interativo ao ponto selecionado, de maneira que os utilizadores podem interagir com o mapa. Além disso, é possível classificar os pontos em camadas.

Esta ferramenta tem um grande valor para o ensino de conteúdos culturais, pois possibilita transmitir aos alunos a informação de uma forma atraente e interativa.

4.2.7.1. Mapa: “Os países da CPLP”

Para realizar esta atividade (ver Apêndice 6), na aplicação selecionamos “Criar um novo mapa”. Uma vez aberta a página, no menu do lado esquerdo, mudamos o nome do mapa, assim como o tipo de vista que queremos do mesmo (nós escolhemos o modo “Satélite”). Depois clicamos em “Adicionar marcador”, na parte superior do ecrã, que nos permitirá situar no mapa os pontos que queremos salientar. Neste exemplo de atividade o tópico é a CPLP, pelo que marcamos no mapa Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Angola, Brasil, Moçambique, Timor-Leste e Cabo Verde. De seguida, procedemos à edição de cada um dos pontos marcados; ao selecionar um marcador abre-se uma janela na qual poderemos adicionar texto, fotos ou vídeos relacionados com o mesmo, entre outras opções. No exemplo que apresentamos temos inserido uma imagem da bandeira de cada um dos países que salientamos no mapa, assim como uma pequena descrição na qual incluímos dados referentes à capital, população,

superfície, moeda e língua oficial. Para editar a descrição carregamos no ícone do lápis – editar – e escrevemos o texto. Para inserir a imagem clicamos no ícone da máquina fotográfica – Adicionar imagem ou vídeo - e, das várias opções de escolha que nos oferece a aplicação, selecionamos “Pesquisa de imagens em Google”. Desta forma, apenas devemos escrever as palavras no campo de pesquisa e selecionar a imagem desejada, e esta será automaticamente inserida na descrição do marcador do mapa, sem necessidade de a descarregar primeiramente para a inserir na continuação.

4.2.8. Google Sites

Google Sites é uma aplicação *online* gratuita que possibilita a criação de sítios *web* de forma simples, bastante semelhante a editar um documento. Nesta plataforma poderemos reunir, organizar e apresentar num mesmo lugar conteúdos e materiais diversos, como vídeos, imagens, textos, calendários, mapas, etc. Também fornece a opção de editar o sítio em colaboração com outros utilizadores do mesmo, assim como fazer com que a visualização deste seja aberta ou restrita a um grupo limitado de usuários. Isto faz de *Google Sites* a ferramenta ideal para criar páginas *web* dedicadas ao ensino; neste âmbito, poderíamos usar a aplicação como biblioteca de recursos, ou a modo de portefólio digital do aluno, em que este poderia publicar os trabalhos elaborados durante o curso (Ivars, 2017).

Como indicávamos anteriormente, a plataforma permite inserir arquivos de toda a classe, seja desde o próprio dispositivo que estamos a utilizar, desde o *Google Drive*, com o código URL ou diretamente fazendo uma pesquisa no *browser*. A aplicação fornece distintas possibilidades de estruturação dos conteúdos apresentados, sendo que os podemos distribuir em diversas páginas e subpáginas à nossa eleição, estabelecer uma página principal, etc. Em relação ao desenho gráfico, *Google Sites* fornece temas com os que podemos personalizar a nossa página *web*, de forma a modificar as cores e os estilos da fonte. Nesse sentido, também poderemos editar o cabeçalho e o fundo da página com imagens inseridas por nós.

CONCLUSÃO

Contrastando o plano de atividades do estágio com o trabalho desenvolvido ao longo do mesmo, verificamos que realizámos todas as tarefas contempladas na proposta inicial; da mesma forma, consideramos ter atingido satisfatoriamente os objetivos estabelecidos para este estágio.

Ao nível pessoal, sempre temos encontrado algumas dificuldades na utilização das novas tecnologias. Nesse sentido, a realização do estágio curricular tem suposto uma grande mudança, não só ao nível dos conhecimentos adquiridos nesta área, mas também na perceção sobre a utilidade para o ensino das ditas tecnologias.

Anteriormente, tínhamos criado materiais didáticos, mas utilizando apenas ferramentas digitais básicas e genéricas que não permitiam interação por parte do usuário final. No estágio, pelo contrário, trabalhámos com uma larga variedade de programas e aplicações dedicados especificamente a fins didáticos que, com algum treino, podem-se tornar uma grande ajuda para o ensino, tanto presencial como à distância. De todas as ferramentas lecionadas, gostámos especialmente de conhecer *Activinspire* pela infinidade de opções criativas que fornece ao utilizador, se bem que por este mesmo motivo foi o programa que levou mais tempo e esforço a aprender a controlar. Contudo, com algum trabalho e prática podemos conseguir muito bons resultados com ele.

A modo de consideração final, referir que, na atualidade, com recursos e programas aos quais todo o usuário da Internet pode aceder de forma gratuita, conseguimos criar uma variedade enorme de materiais interativos atraentes para o ensino e avaliação de PLE, fazendo com que qualquer pessoa tenha a possibilidade de aprender uma língua estrangeira sem nenhum custo económico.

Como consequência, consideramos de relevância dar continuidade a este trabalho de estágio, focando-nos, sobretudo, na elaboração de materiais didáticos para o ensino e a aprendizagem de PLE que sejam acessíveis de forma gratuita a todos aqueles interessados na matéria. Salientamos também a necessidade de uma maior difusão da informação relativa às ferramentas tecnológicas para este fim, pois apesar de, na atualidade, as TIC estarem muito presentes em todos os âmbitos da vida diária, verificámos que não há muita informação sobre a sua utilização para o ensino e a aprendizagem de PLE.

Como nota final, uma referência à nossa própria evolução, desde o começo deste estágio até ao momento presente. Desconhecedora da maior parte destas aplicações, consideramos, agora, possuímos ferramentas fundamentais que nos permitirão, em qualquer lugar onde nos instalarmos para viver, continuar a difundir e a aperfeiçoar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa. Como? Possivelmente, através das novas tecnologias, que fazem com que a aprendizagem duma nova língua seja cada vez mais acessível a nível global.

BIBLIOGRAFIA

- Academia UP. (2017). *Competência digital docente: inovação no ensino de línguas estrangeiras*. Recuperado el 5 de Janeiro de 2019, de AcademiaUP: <https://academia.up.pt/lms/theme/academia/pages/courseinfo.php?id=75>
- Aprende en línea. (8 de Abril de 2015). *Las TIC como apoyo a la educación: Definición del concepto de TIC*. Recuperado el 10 de Janeiro de 2019, de Aprende en línea: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/lms/investigacion/mod/page/view.php?id=3118>
- Diáspora Lusa. (18 de Novembro de 2010). *Observatório da Língua Portuguesa*. Recuperado el 7 de Dezembro de 2018, de Diáspora Lusa: <http://www.diasporalusa.pt/instituicoes/observatorio-da-lingua-portuguesa/>
- Direção-Geral da Educação. (20 de Outubro de 2017). *Ensino do Português no Estrangeiro*. Recuperado el 14 de Janeiro de 2019, de Direção-Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/ensino-do-portugues-no-estrangeiro>
- Direção-Geral da Educação. (14 de Janeiro de 2018). *DigCompEdu - Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores*. Recuperado el 10 de Janeiro de 2019, de Direção-Geral da Educação: <http://www.dge.mec.pt/noticias/tic-na-educacao/digcompedu-quadro-europeu-de-competencia-digital-para-educadores>
- Educación 3.0. (4 de Agosto de 2017). *Recursos Educativos Abiertos (REA) gratis para todos*. Recuperado el 15 de Janeiro de 2019, de Educación 3.0: <https://www.educaciontrespuntocero.com/recursos/recursos-educativos-abiertos-rea-gratis-para-todos/30610.html>
- Esperança, J. P. (2009). *Uma Abordagem Eclética ao Valor da Língua: O Uso Global do Português. Conclusões do relatório preliminar do estudo sobre o valor económico da língua portuguesa*.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (Febrero de 2017). *Biblioteca de livros digitais para a cidadania e interculturalidade – BLDCIDADANIA*. Recuperado el 3 de Enero de 2019, de Fundação Calouste Gulbenkian: <https://gulbenkian.pt/project/biblioteca-livros-digitais-cidadania-interculturalidade/>

- Grosso, M. J., Soares, A., de Sousa, F., & Pascoal, J. (2011). *QuaREPE Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro; Documento Orientador*.
- Instituto de Tecnologías Educativas. (2 de Maio de 2014). *Recursos TIC: Google Earth*. Recuperado el 18 de Janeiro de 2019, de Instituto de Tecnologías Educativas: http://www.ite.educacion.es/formacion/materiales/131/cd/modulo_5/recursos_tic_google_earth.html
- Instituto Internacional da Língua Portuguesa. (6 de Novembro de 2015). *Uma nova biblioteca de livros digitais, sobre cidadania e direitos humanos*. Recuperado el 3 de Janeiro de 2019, de Blogue do IILP: <https://iilp.wordpress.com/2015/11/06/uma-nova-biblioteca-de-livros-digitais-sobre-cidadania-e-direitos-humanos/>
- Instituto Nacional de Tecnologías Informativas y de Formación de Profesorado. (2017). *Marco Común de Competencia Digital Docente*. Ministerio de Educación y Cultura. Gobierno de España.
- Ivars, Ó. B. (5 de Janeiro de 2017). *Nuevo Google Sites para educación*. Recuperado el 14 de Janeiro de 2019, de Efepeando: <http://www.efepeando.com/2017/01/nuevo-google-sites-para-educacion.html>
- Lucas, M., & Moreira, A. (2018). *DigComp 2.1: Quadro Europeu de Competência Digital para Cidadãos: com oito níveis de proficiência e exemplos de uso*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Machete, R. C., & Vicente, A. L. (2010). *Língua e Cultura na Política Externa Portuguesa. O Caso dos Estados Unidos da América*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Mateus, M. H. (2014). *A Língua Portuguesa. Teoria, Aplicação e Investigação*. Lisboa: Edições Colibri.
- Nye, J. S. (1990). *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power* New York.
- Observatório da Língua Portuguesa. (11 de Novembro de 2015, 2015a). *DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS*. Recuperado el 10 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/declaracao-de-principios/>

- Observatório da Língua Portuguesa. (11 de Novembro de 2015, 2015b). *Grandes Opções para o Quadriénio 2014-2017*. Recuperado el 25 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/quadrienio-2014-2017/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (25 de Novembro de 2015, 2015c). *OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA*. Recuperado el 9 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/observatorio-da-lingua-portuguesa-3/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (25 de Novembro de 2015, 2015d). *OLP- OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA*. Recuperado el 10 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/olp-observatorio-da-lingua-portuguesa/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (2015e). *Parceiros*. Recuperado el 2 de Janeiro de 2019, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/category/parceiros/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (11 de Novembro de 2015). *Plano de Atividades para 2015*. Recuperado el 29 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/atividades-2015/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (Janeiro de 2015, 2015f). *Relatório de Atividades - 2014*. Recuperado el 24 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <https://observalinguaportuguesa.org/relatorio-2014/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (2016). *Estatutos OLP*. Lisboa: Observatório da Língua Portuguesa.
- Observatório da Língua Portuguesa. (s.f.). *Biblioteca Digital*. Recuperado el 28 de Dezembro de 2018, de Observatório da Língua Portuguesa: <http://observalinguaportuguesa.org/bibliotecadelivrosdigitais/>
- Observatório da Língua Portuguesa. (s.f.). *Observatório da Língua Portuguesa*. Recuperado el 28 de Dezembro de 2018, de PARCEIROS: <https://observalinguaportuguesa.org/category/parceiros/>
- OxEducation. (18 de Setembro de 2017). *Potenciando la educación con Google Forms*. Recuperado el 18 de Janeiro de 2019, de A Medium Corporation:

<https://medium.com/@OxEducation/potenciando-la-educaci%C3%B3n-con-google-forms-b93795335bf8>

- Redecker, C., & Punie, Y. (2017). *Digital Competence Framework for Educators (DigCompEdu)*. Bruxelas: European Union.
- Reto, L. A., Machado, F. L., & Esperança, J. P. (2016). *Novo Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Soares, A. (2007). Os Caminhos do Português: Adequação a Novos Públicos e Novas Necessidades. *Aula Ibérica* (pp.253-261). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Valencia-Molina, T., Serna-Collazos, A., Ochoa-Angrino, S., Caicedo-Tamayo, A. M., Montes-González, J. A., & Chávez-Vescance, J. D. (2016). *Competencias y estándares TIC desde la dimensión pedagógica: una perspectiva desde los niveles de apropiación de las TIC en la práctica educativa docente*. Pontificia Universidad Javierana.

APÊNDICES*

Apêndice 1: Plano de atividades do estágio

Apêndice 2: Flipchart “*Apresentações e cumprimentos*”

Apêndice 3: Flipchart “*Frutas*”

Apêndice 4: Flipchart “*Receita*”

Apêndice 5: Diaporama “*Portugal de Norte a Sul*”

Apêndice 6: Formulário “*O verbo TER*”

Apêndice 7: Mapa “*Os países da CPLP*”